# Haveria independência entre a mente e o comportamento?\* - 28/02/2016

Você me belisca, esse estímulo sobe ao cérebro, lá ocorre algo e eu grito. Lá  
pode ter havido duas situações: a produção de um estado mental associado ao  
beliscão ou simplesmente um comando de volta de gritar. Aparentemente,  
imaginamos que houve um estado mental consciente organizando o recebimento e a  
devolução dos estímulos, mas Searle argumenta que não necessariamente. Estamos  
no campo das relações causais entre processos cerebrais, processos mentais e  
comportamento exterior. Por outro lado, alguém poderia me beliscar, muito  
forte, e eu não gritar, mas estar consciente, como ocorre em algumas síndromes  
de paralisia, o que mostraria certa independência entre comportamento e mente  
perfeitamente factível. A capacidade do cérebro causar consciência é diferente  
da capacidade do cérebro causar comportamento. E mais: os fenômenos mentais  
são subjetivos e somente atestados pela primeira pessoa; alguém de fora (uma  
terceira pessoa) não conseguiria comprovar minha consciência em alguns casos  
pela observação empírica. Através de experimentos de pensamento, Searle  
argumenta que o comportamento exterior pode ser semelhante no caso de  
possíveis robôs que tenham consciência, ou seja, inconscientes. E, no que  
tange à ontologia da consciência, o comportamento é irrelevante.  
  
Mas, então, haveria certos fenômenos que não seriam observados pelo método  
empírico? Antes de tudo, há que se diferenciar um sentido ontológico que  
significa fatos reais no mundo e um epistêmico, que é da ordem da lógica ou da  
matemática. Do ponto de vista ontológico, os fenômenos podem ser verificados  
somente por uma primeira pessoa e não pela terceira pessoa. Por exemplo, ao  
examinarmos um cão, percebemos que sua fisiologia e fisionomia são semelhantes  
às nossas, que um beliscão causa um grunhido e podemos supor que eles possam  
ter uma consciência parecida com a nossa, embora o caráter qualitativo,  
subjetivo, não seja acessível a padrões ou métodos em terceira pessoa, mas por  
métodos indiretos (de causação) obtemos o mesmo resultado empírico. Contudo,  
pela neurofisiologia poderíamos chegar a alguns experimentos que indicassem  
que certos fenômenos neurofisiológicos indicam uma presença ou não de  
consciência ou de um tipo dela, o que permitiria uma explicação empírica para  
algo subjetivo por um método objetivo indireto. Assim, um fenômeno  
neurofisiológico x poderia indicar certo estado mental. Isso conseguido pelo  
método: mesma causa, mesmo efeito. A solução funciona logicamente, mas isso  
seria suficiente? Afinal não seria o comportamento o que determinaria a  
existência de consciência em outros seres, mas uma correlação com a nossa  
conexão causal. Obviamente, nesse caso, a ontologia não serviria para nada.  
  
\_\_\_\_\_\_  
  
(\*) SEARLE, J. R. \_Rompendo o domínio: cérebros de silício, robôs conscientes  
e outras mentes\_. In: \_A redescoberta da mente\_. Trad. E. P. Ferreira. São  
Paulo, Martins Fontes, 1997.